

O Estado de S. Paulo

17/5/1984

A revolta em Guariba

Usineiros temem o colapso total

MOACYR CASTRO

Diretores das principais usinas da região de Ribeirão Preto estiveram reunidos em Sertãozinho e concluíram pela necessidade de se fazer um apelo às autoridades para que encontrem um meio de não se colocar "mais lenha na fogueira". Na opinião dos usineiros, "o movimento que começou em Guariba é muito bem organizado, um negócio bem feito e nós não temos a mínima idéia do que poderá acontecer nas próximas horas. É certo que tudo está organizado".

Os fabricantes de açúcar e álcool estão certos de que hoje acordarão com um piquete na porta de cada usina tentando impedir a entrada de caminhões carregados de cana-de-açúcar. E isso deverá tomar conta de toda a região porque, segundo avaliaram na reunião, o processo vai-se alastrar. É certo, como disseram, que o movimento chegará às 26 usinas da microrregião de Ribeirão Preto e às fazendas isoladas produtoras de cana. As usinas — disseram — já entraram no processo de paralisação, porque o que chega de cana é apenas de bolsões ainda não afetados pela agitação. "Se a situação continuar como está, tudo estará parado dentro de três ou quatro dias". Esse é o cálculo oficial da reunião de ontem em Sertãozinho.

E os prejuízos representam milhões de cruzeiros por hora, disse um dos usineiros da região. As perdas financeiras diárias são difíceis de serem calculadas neste período de início de safra. Mas os usineiros admitem que uma usina média da região deverá moer, este ano, cerca de um milhão de toneladas de cana-de-açúcar. A tonelada de cana está custando Cr\$ 11 mil. Essa usina, se produzir apenas açúcar, colocará no mercado 2,2 milhões de sacas; se produzir apenas álcool, 70 milhões de litros — tudo no período de 150/160 dias de atividades.

Só com a cana que deixará de moer — concluem os usineiros — o prejuízo, de acordo com cálculo preliminar — chegará a Cr\$ 73 milhões por dia de paralisação.

O silêncio do sindicato

No último dia 5, José Laurentis Junior presidente do Sindicato Rural de Guariba enviou uma carta ao presidente do Sindicato dos Trabalhadores Rurais de Jaboticabal (com jurisdição sobre Guariba), Benedito Magalhães. O documento anunciava o início da colheita da cana e indagava dos representantes dos trabalhadores se havia alguma reivindicação da categoria para o desenvolvimento do trabalho nas usinas e nas fazendas. Não obteve resposta. Laurentis tentou localizar Magalhães posteriormente, por telefone, e não conseguiu. Benedito Magalhães só apareceu em Jaboticabal depois do tumulto de terça-feira.

Existe algo por trás das agitações? Por que as reivindicações só foram conhecidas depois do tumulto que matou um operário de Guariba?

De uma coisa os usineiros e fazendeiros da região de Ribeirão Preto estão certos. Essa agitação jamais encontraria meio fértil no dia 1º de junho. Na véspera, os cortadores de cana estarão recebendo seu primeiro salário nesta safra — em média Cr\$ 220 mil. "Com o bolso cheio — diz Ricardo Azevedo de Souza, presidente do Sindicato Rural de Ribeirão —, os instigadores não encontrarão ninguém disposto a participar de agitações." Ricardo pergunta também "por que ontem havia tantos políticos em Guariba? Eles sabem que a região é responsável por dois produtos de segurança nacional (açúcar e álcool). Está claro que há pessoas interessadas em prejudicar a colheita. Quem?"

O preço da água, em Guariba, foi apenas pretexto, na opinião de Ricardo. Muitos deles, diz, moram em casas do BNH, e isso é uma prova de que não são tão desassistidos assim. "O trabalhador rural, por iniciativa própria, não bloqueia estradas, não depreda, não saqueia mercados. Não é da índole dele fazer isso." O ex-deputado Sérgio Cardoso de Almeida, dirigente rural na região também acredita em instigação. "O corte de cana — afirma — é um fator de emprego para todos, plenamente. Os agitadores escolheram o momento exato de agir. É bom tumultuar antes de começar o pagamento. É essa a tática dos provocadores descontentes com o trabalhador ganhando seu dinheiro honestamente. Eles sabem que, depois, perdem a massa de manobra. Em vez de agitar, os padres e a esquerda deveriam ensinar o bóia-fria a usar corretamente esse salário que ele vai ganhar no final do mês. Ensinar que o trabalhador não deve gastar em quinquilharias nem tomar pinga."

Menos que EUA e Cuba

Os cortadores de cana de Guariba estão, através de suas lideranças, pedindo o retorno do sistema de colheita de cinco ruas, contra o de sete ruas consolidado ano passado. Ecologicamente está errado e como modelo de eficiência é um retrocesso. Seus colegas de Cuba, por exemplo, colhem por nove ruas, como nos Estados Unidos, enquanto os da Argentina colhem a cana por oito de oito ruas. Para o usineiro, o sistema é o de menos. Tanto que hoje a colheita retorna por cinco ruas na região de Ribeirão Preto.

Desde os primeiros plantios de cana no Nordeste, na época da colônia, os brasileiros colhiam cana em duas ruas, passando para três só na época da República. A mecanização forçou, naturalmente, a elevação para uma colheita de cinco ruas, abrindo mais espaço nos talhões para o movimento do guincho e dos caminhões.

Em fevereiro do ano passado, produtores brasileiros de cana participaram, em Cuba, do Congresso Latino-americano de Técnicos Açucareiros e constataram as vantagens da elevação do sistema de corte, adotando sete ruas e não as nove empregadas na ilha. No corte de cinco ruas, o guincho retira, junto com a cana, até 10% de terra (terra adubada, que serviria para fertilizar a safra seguinte). Além disso, em sete ruas, a presença do caminhão para colher os feixes arrastados pelo guincho é menos freqüente, reduzindo a compactação do solo.

Segundo Sérgio Cardoso e Ricardo Azevedo, os cortadores de cana mais experientes não reclamam. Tudo depende de prática e não de força. Num talhão de cinco ruas o caminhão é obrigado a entrar 14 vezes, no de sete, dez vezes. O cortador, em cinco ruas, anda menos, mas em sete ruas, ganha Cr\$ 200,00 mais por tonelada colhida. Como depende de prática, para ele tanto faz. "Mas existe muita gente de fora entre os canavieiros, muita gente nova, muita gente que nunca colheu cana na vida, muita gente fácil de ser manipulada num meio estranho".

Mais que o agrônomo

Cartaz afixado ontem na entrada da Divisão Regional Agrícola de Ribeirão Preto, dirigido aos engenheiros agrônomos: Um cortador de cana ganha Cr\$ 165.000,00 por mês. Você ganha Cr\$ 291.711,00. Está satisfeito?

Para desespero dos agrônomos, o cartaz está errado. Um cortador de cana naquela região está ganhando nesta safra, no mínimo, Cr\$ 190 mil; em média Cr\$ 250 mil e há quem consiga passar de Cr\$ 320 mil. Muitos vão pagar imposto de renda, como ano passado. Tudo depende da eficiência. Os mais experientes sabem que tanto faz o corte ser por sete ou cinco ruas. Trabalharam assim em 1983, em 80% dos canaviais de Ribeirão Preto. Passou o tempo em que o vencimento de um cortador de cana era comparado com saladas de professores primados. Agora, profissionais de nível universitário estão-se preocupando com a situação.

Um cálculo feito ontem na mesma cidade agrava a diferença. Nenhuma categoria, nos últimos anos, teve reajustes tão elevados. Os canavieiros terminaram a safra de 82, em novembro, ganhando Cr\$ 170,00 por tonelada colhida. Em 1983, tiveram quatro reajustes: começaram a safra, em abril, recebendo Cr\$ 300,00 por tonelada, no mês seguinte ganhavam Cr\$ 400,00; em julho, Cr\$ 450,00; em outubro, Cr\$ 550,00 e em novembro, Cr\$ 550,00. Este ano, começaram com Cr\$ 1.200,00. Em 18 meses, o ganho subiu 605%.

Um trabalhador colhe por dia, em média, seis toneladas de cana-de-açúcar. Há quem colha oito toneladas, como existem fornecedores que também pagam até Cr\$ 1.400,00 por tonelada. Essa diferença fica por conta da concorrência de outros produtos, porque a região é muito diversificada e os cafeicultores estão pagando Cr\$ 4 mil por saca de café em coco, por exemplo. Existe a colheita da laranja, com os trabalhadores pedindo mais por caixa colhida em Bebedouro — de Cr\$ 60,00 para Cr\$ 200,00. Algumas fazendas de Ribeirão registram casos de famílias ganhando até Cr\$ 1 milhão com o café recebendo até Cr\$ 880 mil com a safra de algodão colhida. O que está acontecendo então?

O cortador de cana é um bóia-fria diferenciado. Quando o trabalho começa na usina, é firmado um contrato para durar toda a safra, de maio ou abril a novembro. Esse acordo de trabalho dá a ele as garantias previdenciárias. Assim, Ribeirão Preto transforma-se nessa época num grande pólo de atração, porque grande parte da estrutura de plantio e produção é empresarial, praticamente não existe desemprego, e os bóias-frias de São Paulo recebem companheiros de Minas Gerais e da Bahia — pequenos sitianteiros que vêm, realmente, em busca de dinheiro para re aplicar em seus negócios naqueles Estados. Esse bóia-fria não gasta em bugiganga, não toma pinga. Só quer guardar.

(Página 15)